

EFEITOS FITOTERÁPICOS E HOMEOPÁTICOS DA BABOSA (NOTA TÉCNICA)

PALHARIN, Luiz Henrique Di Creddo
Acadêmico de Agronomia da FAEF
lhpalharin@terra.com.br

FIGUEIREDO NETO, Eliseu
Acadêmico de agronomia da FAEF

CAMARGO LOPES, Matheus Pereira
Acadêmico de agronomia da FAEF

ASCÊNCIO, Fabiana
Acadêmico de agronomia da FAEF

BOSQUÊ, Gisleine Galvão
Docente da faculdade de agronomia e engenharia florestal – FAEF/ACEG

RESUMO

É bem provável que a utilização das plantas como medicamentos seja tão antiga quanto ao próprio homem. Numerosas etapas marcaram a evolução da arte de curar, porém torna difícil delimitá-las com exatidão. Atualmente o interesse pelos benefícios naturais das plantas vem crescendo na área de homeopatia e fitoterapia. Entre as mais utilizadas está a babosa, *Aloe vera L.* presente em quase todos os balcões de cosméticos, e com varias aplicações na medicina popular, como para cicatrizar feridas, contusões, irritações, tônicos, purgativo, etc. Provavelmente nativa da África, sendo cultivada em regiões tropicais e subtropicais. Palavras chave: *Aloe vera L.*, planta medicinal.

ABSTRACT

It is very probable that the use of the plants as medicines is as old as for the own man. Numerous stages marked the evolution of the art of curing, however it turns difficult to delimit them with accuracy. Now the interest for the natural benefits of the plants is growing in the homeopathy area and **fitoterapia**. Among the more used is to babosa, *Aloe vera L.* present in almost all of the counters of cosmetics and with very applications in the popular medicine, as to scar wounds, bruises, irritations, tonic, purgative, etc. Probably native of Africa, being cultivated in tropical and subtropical areas.

Keywords: *Aloe vera L.*, medicinal plant.



1 - INTRODUÇÃO

O nome *Aloe vera* seria originário do hebraico *halal* ou do árabe *alloe* (= substância amarga, brilhante) e do latim *vera* (= verdadeira). Ao que tudo indica, ela é considerada uma planta poderosa há muito tempo. Antigos muçulmanos e judeus acreditavam que a babosa representava uma proteção para todos os males e, por isso, usavam as folhas até penduradas na porta de entrada da casa. Alexandre, o Grande, teria conquistado as Ilhas de Socotorá, no Oceano Índico (século IV a.C.), porque lá vegetava abundantemente um tipo de babosa que produzia uma tinta violácea. Há quem diga, entretanto, que na verdade, o conquistador conhecia os poderes cicatrizantes da babosa e seu principal interesse nas ilhas era ter plantas suficientes para curar os ferimentos dos seus soldados após as batalhas. Sendo que personagens importantes na história, como Cleópatra e Alexandre, o Grande, eram seus admiradores (VIANA, 1997).

Desde a antiguidade, as plantas medicinais já eram utilizadas para a cura de inúmeras doenças. Registros históricos de 5 mil anos mostram que os sumérios já usavam ervas para fins medicinais. O primeiro livro sobre ervas já registrado data de 2700 A.C e vem dos chineses com uma lista de 365 plantas (BIAZZI, 2003).

Atualmente, a medicina progride em todos os sentidos, mas o interesse crescente pela fitoterapia e pela homeopatia como opções terapêuticas vem crescendo dia-a-dia (Oliveira, 1992). A fitoterapia consiste no conjunto das técnicas de utilização dos vegetais no tratamento de doenças e na recuperação da saúde. Como método terapêutico, a fitoterapia faz parte dos recursos da medicina natural.

Hoje, das 300 mil plantas conhecidas, umas 2000 são utilizadas pela medicina, e em todos os grandes centros comerciais do mundo (BIAZZI, 2003). Calcula-se que o Brasil disponha de algo entre 60 a 250 mil espécies vegetais, onde 40% delas devem conter propriedades terapêuticas (OLIVEIRA, 1992).

Os índios americanos já a chamavam de varinha de condão celeste quando Cristóvão Colombo a descobriu, dando-lhe o nome de médico vegetal.



Na Grécia antiga, suas aplicações curavam desde a dor de estômago até a queda de cabelo, passando pelas alergias, dores de cabeça, manchas na pele, queimaduras e ferimentos em geral.

Cientistas soviéticos descobriram, recentemente, que ela é capaz de curar também congestão nasal.

Conhecida há pelo menos três mil anos, somente, no último século é que a misteriosa e mágica babosa - chamada também de *Aloe vera* - conquistou o interesse da ciência oficial.

Hoje em dia, vários centros de pesquisa nos hospitais e na indústria cosmética estão trabalhando para conhecê-la e aplicá-la nas suas múltiplas funções (VIANA,1997).

Dentre as plantas populares, a babosa é uma das mais que merece destaque. Em quase todos os balcões de cosméticos exibem xampus e cremes para a pele contendo o *Aloe vera*, como também é conhecido. O valor dessa planta reside em sua capacidade de regenerar tecidos danificados, o que faz com bastante eficiência. Provavelmente nativa da África, sendo cultivada em regiões tropicais e subtropicais. A babosa da farmacopéia britânica é um extrato resinoso, indicado por seus efeitos laxantes. A babosa contém glicosídeos antraquinônicos semelhantes aqueles da cáscara-sagrada e do sene. A medicina descobriu novas aplicações para a planta, como unguento para tratamento de queimaduras por irradiação. É possível que a espécie tenha se originado nas ilhas de Cabo Verde e, nos primórdios da história, tenha aparecido no Egito, na Arábia e na Índia.

O presente trabalho procurou apresentar de maneira sintetizada a planta medicinal *Aloe vera* L., suas denominações, descrição botânica e fins medicinais.

2 - CONTEÚDO

Nome popular: BABOSA

Nome científico: *Aloe vera* L.



Família: Liliáceas

Origem: Sul da África

Sinonímia: Erva-babosa e caraguatá

DESCRIÇÃO

Plantas perenes, arbustivas, raízes longas e de um amarelo intenso internamente. Caules tenros, eretos ou levemente decumbentes. Folhas simples, alternadas, sésseis, tenras e engrossadas, longas, lanceoladas, acuminadas, bordos com fortes dentes espinhosos. São também inodoras ou de aroma fraco, suculentas e mucilaginosas, de sabor muito amargo. Esta espécie tem as folhas verde-escuras e sem manchas em ambas as faces.

Flores vermelhas, actinomorfas, hermafroditas com o perigônio tubuloso formado por seis pétalas, com filetes subulados e anteras longas. Ovário trilobular com os lóbulos plurióvulados e o estilete filiforme. Inflorescência em ráculos, florescimento no inverno, geralmente de maio a junho.

Frutos na forma de cápsulas trigonas e deiscências, com três lóculos. Sementes pequenas, nas rosas e escuras (CASTRO & CHEMALE, 1995).

Constituintes químicos principais: Barbalodina, aloína (purgativo), aloquilodina, aloetina, aloferon (cicatrizante), ácido pícrico, resinas, mucilagem e vitaminas E e C.

Indicações: O suco das folhas são emolientes (amaciante de pele) em muitas loções e cremes para a pele, unguentos, xampus e resolutivo, quando usado topicamente sobre inflamações, queimaduras, eczemas, erisipelas, queda de cabelos.

A polpa é antioftálmica, vulneraria e vermífuga. A folha, despida de cutícula é um supositório com efeito calmante nas retites hemorroidais. É ainda utilizada externamente nos casos de entorses, contusões, dores reumáticas e



muito utilizado em casos de ferimentos e queimaduras menos importantes, sendo tanto de uso doméstico, quanto de uso farmacêuticos.

Partes usadas: Folhas, polpa e seiva.

Outros usos: A polpa macerada com açúcar ou mel é usada na alimentação de certos povos asiáticos. As fibras são utilizadas para a fabricação de cordoalhas, esteiras e tecidos grosseiros.

Toxicologia: Não deve ser ingerida por mulheres durante a menstruação ou gravidez. Também deve ser evitado o seu uso interno nos estados hemorroidários. Não usar internamente em crianças.

Preparo e dosagem

- Suco – uso interno do suco fresco como anti-helmíntico;
- Cataplasma – Aplicar sobre queimaduras três vezes ao dia;
- Supositório – Em retites hemorroidais;
- Resina – É a mucilagem após a secagem. Prepare-se deixando as folhas penduradas com a base cortada para baixo por um ou dois dias. Esse sumo é seco ao fogo ou ao Sol, e quando quebradiço pode ser transformado em pó. Tomar 0,1g a 0,2g dissolvida em água com açúcar, como laxante;
- Tintura – Usa-se 50 g de folhas descascadas, trituradas com 250ml de álcool e 250 ml de água, a tintura é coada em seguida. Deve ser utilizada sob a forma de compressas e massagens nas contusões, entorces e dores reumáticas;
- Tintura – Utiliza-se 2,5g de resina em 100 ml de álcool a 70° GL. Deixa-se em recipiente fechado, em local quente, durante 7 dias, findos os quais filtra-se e completa-se o volume restante para 1 litro. Usam-se 5 a 10 gotas como estomacal e 20 a 40 gotas como laxativos, dissolvidas em meia xícara de água com açúcar.



3 - CONCLUSÃO

Concluiu que as pessoas anseiam em voltar ter um modo de vida mais natural, utilizando plantas naturais para tratar doenças dores e incômodos, como nossos ancestrais. E hoje com os estudos comprovaram-se vários benefícios trazidos pelo uso da *Aloe vera* L.

4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLAZZI, E. **O Maravilhoso poder das plantas.** Casa Publicadora BrasileiraTatuí-SP. 14 edição, 2003. 126p.

BLANCO, R. A. Disponível em:

www.jardimdeflores.com.br/ERVAS/babosa1.html. Acesso em 16/09/2007

CASTRO, L. O. & CHEMALE, V. M. **Plantas Medicinai, condimentos e aromáticas: descrição e cultivo.** – Guaíba: Agropecuária, 1995. 196p.

MARTINS, E. R. et al. **Plantas Medicinai.** – Viçosa: UFV, 2000. 220p.

VIANA, P.; **ALOE VERA, A PLANTA MILAGROSA.** Disponível em;

www.nossosaopaulo.com.br/AloeVeraForever/FLP_AloePlantaMilagrosa.htm.

Acesso em 16/09/2007

